UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

RAPHAEL ALMEIDA SANTIAGO DE ARAUJO

AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA VERSÃO BRASILEIRA DA BEHAVIORAL PAIN SCALE EM VÍTIMAS DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO.

Aracaju/SE
2017

RAPHAEL ALMEIDA SANTIAGO DE ARAUJO

AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA VERSÃO BRASILEIRA DA BEHAVIORAL PAIN SCALE EM VÍTIMAS DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO.

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à conclusão do curso de Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria do Carmo de Oliveira Ribeiro

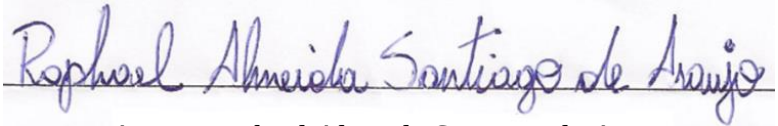
Aracaju/SE
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA VERSÃO BRASILEIRA DA BEHAVIORAL PAIN SCALE EM VÍTIMAS DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO.

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à conclusão do curso de Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Aracaju, 09 de janeiro de 2017



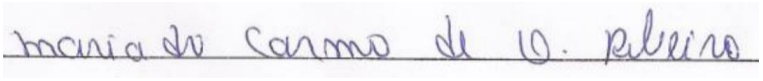
Autor: Raphael Almeida Santiago de Araujo

RAPHAEL ALMEIDA SANTIAGO DE ARAUJO

AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA VERSÃO BRASILEIRA DA BEHAVIORAL PAIN SCALE EM VÍTIMAS DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO.

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à conclusão do curso de Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Aprovada em _____/_____/_____



Orientadora: Profª Drª Maria do Carmo de Oliveira Ribeiro

Universidade Federal de Sergipe

BANCA EXAMINADORA

_____

Universidade Federal de Sergipe

_____

Universidade Federal de Sergipe

_____

Universidade Federal de Sergipe

AGRADECIMENTOS

A conclusão dessa importante etapa de minha vida traz consigo muitas histórias de luta e de conquista. Nenhuma das dificuldades foi superada sem a ajuda destes que estiveram presentes e que de maneira incondicional demonstraram afeto e zelo. A eles, dedico essa grande vitória!

Agradeço principalmente a Deus, que sempre está comigo, tecendo minha história, iluminando meus caminhos, e que é o grande responsável pela minha existência;

Aos meus Pais, que me mostraram como a educação é transformadora de realidades, e em especial à minha mãe Sandra, que esteve presente e disponível para ajudar durante as fases difíceis da graduação;

À minha segunda mãe, Tia Nair (*in memoriam*), que desde pequeno me amparou, me teve como filho e tornou meus sonhos possíveis através do ensino de qualidade;

À minha vó Nilse, que me acolheu, lutou em meu favor e esteve sempre presente nos momentos importantes da faculdade;

Aos meus irmãos Sabrina e Rodrigo, que fizeram parte, torceram por mim e dividiram anseios e conquistas, em especial, Rodrigo, que me tomou como exemplo a seguir e hoje trilha caminhos semelhantes.

À Professora Maria do Carmo de Oliveira Ribeiro, pelos anos de coordenação e orientação em atividades de iniciação científica e de extensão realizadas desde 2013, com a aprovação no PET/Saúde REDES, até a realização da pesquisa que originou esta monografia. Muitas conquistas científicas que obtive na graduação foram frutos dessa parceria e confiança;

A Caíque Jordan, grande mestre, pesquisador e pessoa de extrema dedicação e inteligência, que me ajudou e esteve presente em todo o processo de realização da pesquisa e escrita dos manuscritos.

Aos colegas pesquisadores: Dailson, Andra e Saulo, pela parceria e excelente trabalho de coleta que realizamos em conjunto.

A todos os professores que fizeram parte da minha graduação e que foram exemplos de dedicação e amor à profissão. Em especial, aos professores Amélia Ribeiro e Roque Pacheco, meus coordenadores na LACMS, os quais tenho grande carinho e admiração, aos professores Nivaldo Vieira e Roberto Gurgel, meus coordenadores na LIAMO, e ao professor José Augusto Barreto Filho, coordenador do Estudo VICTIM. Foram grandes oportunidades que marcaram minha graduação e trouxeram experiências acadêmicas e profissionais gratificantes.

Por fim, quero agradecer aos amigos, que mesmo com o tempo e a distância, mantêm-se especiais; A todos, velhos e novos amigos, agradeço os bons momentos de convívio, de parceria, e de cumplicidade.

“Sejamos gratos às pessoas que nos fazem felizes. Eles são os jardineiros encantadores que fazem nossas almas florescerem.” (Marcel Proust, 1896)

RESUMO

Introdução: a avaliação da dor de pacientes críticos não comunicativos é um desafio para as equipes assistenciais, sobretudo em vítimas de traumatismo cranioencefálico. Apesar das escalas comportamentais serem consideradas adequadas e consistentes, são escassos os estudos que envolvam essa população. **Objetivos:** avaliar a dor em vítimas de traumatismo cranioencefálico criticamente enfermas. **Método:** estudo observacional, prospectivo e analítico desenvolvido nas unidades de terapia intensiva clínica e cirúrgica de um hospital geral, público, de alta complexidade em Aracaju, Sergipe, Brasil. A amostra foi não probabilística e de conveniência, composta por 37 vítimas de traumatismo cranioencefálico moderado à grave, sedados e mecanicamente ventilados. Foram coletados dados sociodemográficos, clínicos, relacionados ao trauma, à sedação e à analgesia prescrita. Os escores de Ramsay e Richmond Agitation Sedation Scale (RASS) foram utilizados para avaliar a profundidade da sedação. A dor foi avaliada utilizando-se a BPS-Br por dois observadores independentes, simultaneamente e sem comunicação entre si. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CAAE: 38567714.1.0000.5546). As variáveis categóricas foram expressas em frequências absolutas e relativas. As variáveis quantitativas foram representadas sob a forma de média ± desvio padrão ou erro padrão da média. A análise inferencial foi executada através de testes não paramétricos (validade discriminante), de concordância (coeficientes de correlação intraclasse e Kappa de Cohen) e de Correlação de Pearson. A consistência interna da escala foi estimada pelo coeficiente α-Cronbach. Valores de $p < 0,05$ foram considerados significativos. **Resultados:** os participantes eram predominantemente do sexo masculino (91,0%), adultos em idade produtiva (37,7±13,1), não brancos (67,6%), com baixa escolaridade (4,6±3,9), residentes do interior do estado (73,0%) e sem registro de doenças prévias (97,3%). Prevaleceu o trauma cranioencefálico grave (91,9%), causado por colisões automobilísticas (89,1%) e mais de dois terços não utilizou o dispositivo de segurança. Fentanil e Midazolam foram os fármacos mais utilizados para sedoanalgesia. A sedação profunda (Ramsay = 5,5±0,8; RASS = -3,7±1,7) apresentou correlação significativa com os escores BPS ($p \leq 0,005$). Durante a aspiração traqueal, os parâmetros fisiológicos e escores BPS elevaram-se substancialmente ($p < 0,001$), porém, sem associação estatística. Foram encontrados resultados satisfatórios de porcentagens de concordância (59,4%-100%), de tamanho de efeito (0,8 – 1,3) e de consistência interna ($0,7 \leq \alpha \leq 0,9$). **Conclusão:** a dor esteve presente durante a aspiração traqueal e a versão brasileira da BPS mostrou-se uma ferramenta válida, confiável e consistente para avaliar a dor em vítimas de traumatismo cranioencefálico.

Descritores: Dor. Dor nociceptiva. Manejo da dor. Medição da dor. Traumatismos craniocerebrais. Unidade de terapia intensiva.

SUMÁRIO

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE DOR

Diante de todas as evidências, a dor não pode mais ser vista apenas sob a ótica sensorial, dado que se trata de uma experiência complexa, subjetiva e influenciada pelos mais distintos fatores. Deve ser valorizada pela equipe multidisciplinar quando da sua existência e compreendida segundo sua multidimensionalidade (MARQUEZ, 2011).

A Sociedade Americana de Dor e a Agência Americana de Pesquisa e Qualidade em Saúde Pública descreveram a dor enquanto quinto sinal vital e advogam que seu registro deve ocorrer no mesmo ambiente clínico e com o mesmo rigor sistemático dos demais sinais vitais. Em razão de seu caráter subjetivo, a avaliação não é realizada por meio de instrumentos físicos. Todavia, estão disponíveis diversos instrumentos com validade e confiabilidade confirmadas por pesquisas (SOUSA, 2002).

Por ser um fenômeno multifacetado, a dor se faz complexa em seus mais variados aspectos. Quanto aos aspectos anátomo-fisio-patológicos, diversas vias sensoriais, hormônios e citocinas estão envolvidos na transdução, transmissão, modulação e percepção do impulso doloroso (OLIVEIRA, C. et al., 2011). No que diz respeito à multidimensionalidade, pode-se considerar que aspectos sensoriais, cognitivos, motivacionais, afetivos, culturais, comportamentais, avaliativos, emocionais, sociais e espirituais estão associados na experiência dolorosa. Por esta razão que os significados atribuídos à dor são genuinamente íntimos e complexos (BUDÓ et al., 2007; SILVA; RIBEIRO-FILHO, 2011).

A dor pode ser classificada de acordo com diferentes critérios. Em relação à duração pode ser classificada em aguda e crônica. Descreve-se dor aguda como de início súbito e serve de sinal de alerta para o organismo proveniente de uma injúria real ou potencial, durando menos de três meses. É um evento comum entre as vítimas de trauma (CALIL, 2008), pacientes que recebem assistência na unidade de terapia intensiva e no contexto de pós-operatório (PUNTILLO et al., 2001; RIBEIRO, M. et al., 2013, 2014).

As principais repercussões da dor aguda estão associadas às alterações neurovegetativas e podem interferir na recuperação do indivíduo, sejam elas: taquicardia, queda na saturação de oxigênio e consequente redução de seu aporte aos tecidos, arritmias, agitação, incremento do trabalho cardíaco e dos níveis pressóricos, ansiedade, agitação e medo. Dentre as principais complicações encontram-se a redução do sono, anorexia,

dificuldade de mobilizar-se no leito, deambulação prejudicada, desidratação, aumento do tempo de internação, dificuldade para tossir e risco de sangramento, complicações respiratórias (atelectasias) e para processos infecciosos e tromboembólicos (SALLUM et al., 2010; RIBEIRO, M. et al., 2012).

A dor crônica caracteriza-se por sua persistência além do tempo de cura e raramente pode ser atribuída a uma causa específica. Seu período de duração varia entre três a seis meses. Considera-se uma doença que gera importantes repercussões na qualidade de vida do indivíduo implicando de forma negativa nas atividades da vida diária, práticas laborais, humor, sexualidade, capacidade de concentração, autoestima e bem-estar (MARQUEZ, 2011).

Estudos epidemiológicos têm documentado a relevância da dor enquanto problema de saúde pública no País e principal motivo de procura de assistência à saúde. Em Minas Gerais, inquérito realizado em pronto-socorro detectou que a dor esteve associada a outros problemas ou como queixa principal em 76,7% dos casos (SOUZA, C. et al., 2012). Outras investigações epidemiológicas com pacientes em pós-operatório de craniotomia (63,0%) e cirurgias cardíacas (86,7%) revelaram prevalências semelhantes (RIBEIRO, M. et al., 2012; ANDRADE et al., 2010).

Destarte, o controle da dor eficaz transcende a questão clínica, pois não se trata apenas de um dever profissional a ser cumprido, é também uma questão ética, indicador de qualidade da assistência, direito do paciente e passo fundamental para efetiva humanização nos serviços de saúde (RIBEIRO, N. et al., 2011; SOUZA, L. et al., 2013).

1.2. MEDIÇÃO E MANEJO DA DOR: ASPECTOS ATUAIS E BARREIRAS PARA SUA EFICÁCIA

A medição eficaz da dor é imprescindível para o fornecimento de uma fonte de dados reais e seguros aos profissionais da equipe de saúde, permitindo-lhes estabelecer as condutas mais adequadas frente às necessidades do paciente. A partir de tais informações é possível avaliar a eficácia terapêutica, assim como ponderar os riscos e benefícios proporcionados por determinado tratamento (SOUSA, 2002; OLIVEIRA, R. et al., 2014).

Embora o conceito da dor na qualidade de quinto sinal vital esteja bem estabelecido, ainda são encontrados entraves para a sua real aplicação prática. Diversas pesquisas têm confirmado a precariedade da avaliação e manejo da dor nos mais variados setores de saúde. A medição sistemática da dor e seu adequado registro enfrentam diversas barreiras como a subvalorização, cultura organizacional, falha no processo de formação profissional,

conhecimento insatisfatório sobre os instrumentos de avaliação e de aspectos fisiopatológicos e clínicos, ausência de políticas institucionais que reconheçam a importância da dor e ausência de protocolos para avaliação e manejo da dor (RIBEIRO, N. et al., 2011; BARROS et al., 2011; NASCIMENTO; KRELING, 2011).

Mensuração e avaliação são conceitos rotineiramente utilizados e, apesar de serem próximos, possuem significados distintos. A primeira refere-se à quantificação de um dos aspectos do fenômeno doloroso e os instrumentos que melhor se aplicam a tal procedimento são as consagradas escalas unidimensionais. Estas são usadas amplamente no cenário clínico, caracterizam-se por serem de aplicação rápida, prática e simples (SOUSA, 2002). Geralmente são empregadas para mensurar a intensidade da dor ou descrever sua localização, a exemplo das escalas verbal numérica (EVN), visual analógica (EVA), de descritores verbais, de faces do Cebolinha, de Wong-Baker e o diagrama corporal (SALLUM et al., 2010; OLIVEIRA, R. et al., 2014).

A avaliação da dor é uma tarefa mais complexa, pois visa à apreensão do fenômeno em sua multidimensionalidade (SOUSA, 2002; SALLUM et al., 2010). Tem sido utilizada com maior frequência nos casos de dores crônicas e procura compreender de forma abrangente como a dor interfere na vida do indivíduo. Isto posto, as escalas mais indicadas para a avaliação são as multidimensionais como o Questionário de McGill e a Escala Multidimensional da Dor (OLIVEIRA, R. et al., 2014).

Sabe-se que o relato verbal de dor pelo paciente é considerado o “padrão ouro” para o diagnóstico do episódio de dor, porém, em situações de demência em estágio avançado, recém-nascidos, lactentes e pacientes com diminuição de nível de consciência, sedados e/ou intubados, esse parâmetro se torna indisponível (GONÇALVES et al., 2014). Por essa razão, criaram-se ferramentas observacionais que avaliam a dor por meio de indicadores comportamentais (MARQUEZ, 2011).

Apesar de a dor no ambiente de cuidados críticos ser reconhecida, ainda é subestimada. A avaliação da dor em pacientes críticos que não verbalizam é complexa e requer conhecimento dos instrumentos específicos que viabilizam a sua execução de maneira sistemática (BATALHA et al., 2013). Ainda que alterações nos sinais vitais estejam relacionadas à deflagração da cascata das catecolaminas com consequente liberação de hormônios da resposta ao estresse desencadeada pela dor, esses parâmetros não são condição suficiente para afirmar sua existência (PUNTILLO et al, 2009; ARBOUR et al., 2014).

Diferentes ferramentas observacionais para pacientes críticos foram testadas e tiveram sua validade e confiabilidade comprovadas: a *Behavioral Pain Scale* (BPS), *Critical-Care*

Pain Observation Tool (CPOT), *Nonverbal Pain Scale* (NVPS), *Nociception Coma Scale* (NCS), *Pain Assessment and Intervention Notation* (PAIN) (STITES, 2013). Contudo, no Brasil, apenas uma está em processo de adaptação cultural (DESANTANA; AZEVEDO-SANTOS, 2014), a *Behavioral Pain Scale*, demonstrando, dessa forma, que mais pesquisas são necessárias para avaliação das propriedades psicométricas dessa escala e consequente comprovação de sua confiabilidade em diferentes populações de pacientes (GONÇALVES et al., 2014).

1.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO

O traumatismo cranioencefálico (TCE) refere-se a quaisquer lesões decorrentes de um trauma externo na região da cabeça que possa gerar alterações anatômicas do crânio, a exemplo de fraturas de ossos do crânio e da face, assim como lacerações do couro cabeludo, comprometimento funcional das meninges, encéfalo ou seus vasos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Consequentemente, são originadas disfunções de naturezas cognitiva e funcionais causando profundos efeitos negativos na vida do indivíduo e sua família (RABINOWITZ; LEVIN, 2014).

Trata-se de um problema comum e configura-se como sério problema de saúde pública mundial (VALENTE; FISHER, 2011). Está incluído no grupo das causas externas de morbidade e mortalidade tendo por etiologia colisões automobilísticas, quedas, agressões e acidentes ocorridos em atividades recreativas e esportes (TARGINO; RODRIGUES, 2013). A maioria das vítimas de TCE se encontra na faixa etária de adultos jovens em idade produtiva (GAUDÊNCIO; LEÃO, 2013). Geralmente, suas vítimas evoluem para o óbito ou desenvolvem sequelas irreversíveis que demandam cuidados de reabilitação contínuos, acarretando à sociedade um elevado ônus direto, sobretudo nas prevalências das incapacidades físicas, bem como o incremento dos gastos hospitalares e previdenciários (OLIVEIRA, I. et al., 2009).

Quanto à fisiopatologia, os mecanismos de lesão estão presentes tão logo o TCE ocorra. As lesões primárias surgem durante o evento traumático e são influenciadas por fatores relacionados à biomecânica do trauma e sua etiologia. Por outro lado, as lesões secundárias iniciam-se após a injúria, interferindo na capacidade de autorregulação cerebral, o que pode gerar morte celular em células anteriormente não afetadas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013; OLIVEIRA, I. et al., 2009).

Sua classificação clínica baseia-se nas pontuações obtidas pelo paciente na Escala de Coma de Glasgow (ECGl), a qual avalia os parâmetros de abertura ocular, resposta verbal e resposta motora. Trata-se de uma ferramenta útil para categorização das alterações neurológicas e seus escores variam de 3 a 15. Existem controvérsias na literatura quanto aos escores exatos para classificação do TCE, porém, a mais recente estabelece três níveis: leve (ECGl 13 – 15), moderado (ECGl 9 – 12) e grave (ECGl ≤ 8) (Oliveira, D. et al., 2014; Oliveira, E. et al., 2012).

As consequências do TCE impactam negativamente na qualidade de vida das suas vítimas, visto que podem desenvolver problemas psicossociais como depressão e distúrbios do humor, comportamentos agressivos e antissociais, bem como distúrbios da sexualidade. Há também incremento dos riscos para transtorno bipolar, suicídio, reação de estresse pós-traumático, comportamento agressivo e antissocial. O dano cerebral também pode causar déficits sensoriais, incluindo prejuízos no olfato, visão, audição, paladar e equilíbrio (VALENTE; FISHER, 2011; SANDER; MAESTAS, 2014).

A dor também se caracteriza por ser consequência do TCE, dado que esse tipo de lesão está relacionado a condições de traumatismos múltiplos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Nos casos moderados a graves, é oportuno utilizar ferramentas observacionais que avaliem indicadores comportamentais relacionados à dor como: expressão facial, movimentação corporal, tensão muscular, sincronia com a ventilação mecânica e vocalizações. Embora indicadores fisiológicos sejam frequentemente empregados na prática clínica (frequência cardíaca, frequência respiratória, pressão arterial, diaforese, pressão intracraniana, saturação de oxigênio), o uso de tais parâmetros isoladamente para identificação da dor permanece controverso (ROULIN; RAMELET, 2012).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. V.; BARBOSA, M. H.; BARICHELLO, E. Avaliação da dor em pós-operatório de cirurgia cardíaca. Acta Paul Enferm. 2010;23(2):224–9.

ARBOUR, C. et al. Can fluctuations in vital signs be used for pain assessment in critically ill patients with a traumatic brain injury? Pain Res Treat. 2014;2014:175794.

BARROS, S. R. A. D. F.; PEREIRA, S. S. L.; ALMEIDA-NETO, A. A formação de acadêmicos de enfermagem quanto à percepção da dor em duas instituições de ensino superior. Rev Dor. 2011;12(316):131–7.

BATALHA, L. M. C. et al. Adaptação cultural e propriedades psicométricas da versão Portuguesa da escala Behavioral Pain Scale – Intubated Patient (BPS-IP/PT). Rev Enferm Ref. 2013;III(9):7–16.

BRASIL. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com. 1st ed. Brasil, editor. Brasília(DF): Ministério da Saúde; 2013.

BUDÓ, M. L. D. et al. A cultura permeando os sentimentos e as reações frente à dor. Rev Esc Enferm USP. 2007;41(1):36–43.

CALIL, A. M. Avaliação da dor e analgesia no atendimento pré-hospitalar em pacientes de trauma. Rev Gaúcha Enferm. 2008;29(2):308–13.

DESANTANA, J. M.; AZEVEDO-SANTOS, I. F. Análise das propriedades psicométricas da versão brasileira da Behavioral Pain Scale em pacientes sedados e mecanicamente ventildados. Aracaju(SE); 2014.

FONTES, K. B.; JAQUES, A. E. O papel da enfermagem frente ao monitoramento da dor como quinto sinal vital. Cienc Cuid Saude. 2007;6(8):481–7.

GAUDÊNCIO, T. G.; LEÃO, G. M. A Epidemiologia do Traumatismo Crânio-Encefálico: Um Levantamento Bibliográfico no Brasil. Rev Neurociências. 2013;21(3):427–34.

GONÇALVES, A. A. S.; SCHMITZ, R. K.; ROEHRS, H. Avaliação da dor em paciente adulto sedado sob ventilação mecânica. REVISTAINSPIRAR. 2014;5(6):23–7.

MARQUEZ, J. O. A dor e os seus aspectos multidimensionais. Cienc Cult. 2011;63(2):28–32.

NASCIMENTO, L. A.; KRELING, M. C. G. D. Avaliação da dor como quinto sinal vital: opinião de profissionais de enfermagem. Acta Paul Enferm. 2011;24(1):50–4.

OLIVEIRA, C. M. B. et al. Citocinas e Dor. Rev Bras Anestesiol. 2011;61(2):260–5.

OLIVEIRA, D. M. P.; PEREIRA, C. U.; FREITAS, Z. M. P. Escalas para avaliação do nível de consciência em trauma cranioencefálico e sua relevância para a prática de enfermagem em neurocirurgia. 2014;33(1):22–32.

OLIVEIRA, E. et al. Traumatismo Crânio-Encefálico: Abordagem Integrada. Acta Med Port. 2012;25(3):179–92.

OLIVEIRA, I. B.; OLIVEIRA, A. B. A.; GOES, K. O. Traumatismo cranioencefálico: considerações anatomofuncionais e clínicas. Rev Saúde e Pesqui. 2009;3(1):99–106.

OLIVEIRA, R. M. et al. Measurement of pain in clinical nursing practice: integrative review. Rev enferm UFPE Online. 2014;8(8):2872–82.

PUNTILLO, K. A. et al. Patients' perceptions and responses to procedural pain: results from Thunder Project II. Am J Crit Care. 2001;10(4):238–51.

PUNTILLO, K. A. et al. Evaluation of pain in ICU patients. Chest. 2009;135(4):1069–74.

RABINOWITZ, A. R.; LEVIN, H. S. Cognitive sequelae of traumatic brain injury. Psychiatr Clin North Am. Elsevier Inc; 2014;37(1):1–11.

RIBEIRO, M. C. O. et al. Conhecimento de médicos e enfermeiros sobre dor em pacientes submetidos à craniotomia. Rev Latino-Am Enferm. 2012;20(6):1–7.

RIBEIRO, M. C. O. et al. Prevalência de dor no pós-operatório de craniotomia eletiva. Arq Bras Neurocir. 2012;31(3):124–7.

RIBEIRO, M. C. O. et al. Pain consequences in patients undergoing elective craniotomy. Rev Chil Neurocir. 2012;38(2):105–9.

RIBEIRO, M. C. O. et al. Pain in patients subjected to hernioplasty. Rev enferm UFPE Online. 2013;7(2):546–52

RIBEIRO, N. C. A. et al. O enfermeiro no cuidado à vítima de trauma com dor: o quinto sinal vital. Rev Esc Enferm USP. 2011;45(1):146–52.

ROULIN M. J.; RAMELET, A. S. Pain indicators in brain-injured critical care adults: an integrative review. Aust Crit Care. 2012;25(2):110–8.

SALLUM, A. M. C.; GARCIA, D. M.; SANCHES, M. Dor aguda e crônica: revisão narrativa da literatura. Acta Paul Enferm. 2010;25(Esp 1):150–4.

SANDER, A. M.; MAESTAS, K. L. Sexuality after traumatic brain injury. Arch Phys Med Rehabil. American Congress of Rehabilitation Medicine; 2014;95(9):1801–2.

SILVA, J. A.; RIBEIRO-FILHO, N. P. A dor como um problema psicofísico. Rev Dor. 2011;12(2):138–51.

SOUSA, F. A. E. F. Dor: o quinto sinal vital. Rev Latino-Am Enferm. 2002;10(3):446–7.

SOUZA, C. C. et al. Main complaints of emergency patients according to the Manchester Protocol for risk classification. Rev enferm UFPE Online. 2012;6(3):540–8.

SOUZA, L. A. F. et al. O modelo bioético principialista aplicado no manejo da dor. Rev Gaúcha Enferm. 2013;34(1):187–95

STITES, M. Observational Pain Scales in Critically Ill Adults. Crit Care Nurse. 2013;33(3):68–79

TARGINO, A. A.; RODRIGUES, D. B. Traumatismo cranioencefálico em um hospital de referência no estado do Pará, Brasil: prevalênciia das vítimas quanto a gênero, faixa etária, mecanismos de trauma e óbito. Arq Bras Neurocir. 2013;32(1):15–8.

VALENTE, S. M.; FISHER, D. Traumatic Brain Injury. J Nurse Pract. American College of Nurse Practitioners; 2011;7(10):863–70.

2. NORMAS PARA PUBLICAÇÃO: "THE JOURNAL OF PAIN"

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process.

As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or lay-out that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

References

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements

There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions.

If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes. Divide the article into clearly defined sections.

Please ensure the text of your paper is double-spaced and includes page numbers - this is an essential peer review requirement.

Figures and tables embedded in text

Please ensure the figures and the tables included in the single file are placed next to the relevant text in the manuscript, rather than at the bottom or the top of the file.

Use of word processing software

Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). See also the section on Electronic artwork.

To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Pages must be numbered consecutively, beginning with the title page. Manuscripts without numbered pages will be returned to authors for correction. Materials should be presented in this order:

- Cover letter
- Manuscript (as a single file that contains the following): title page (include all authors' names and affiliations and disclosures), abstract, perspective, key words, text, acknowledgments (optional), references, figure legends
- Figures
- Tables
- Checklist (see more information)

Cover letter

A cover letter must be presented and must include contact information for the corresponding author; this contact information must also be presented on the title page and must match the corresponding author designated in the Elsevier Editorial System upon upload. (When such information differs, manuscripts will be returned to authors for correction.) Any conflicts of interest should be noted, and if no conflicts are present, this should be explicitly stated. Include a statement that all authors are listed and that all have contributed substantially to the manuscript. Authors must state whether manuscripts from the same study were submitted or published. Authors are asked to suggest the names of three potential reviewers; please include contact information.

Title page (page 1)

The title should be a concise and informative description of the study and should indicate animal species if the research was conducted on nonhuman animals subjects. Within the title, use nonproprietary names for drugs, and descriptions for devices. Brand name may be mentioned only once within the text (upon first reference), unless essential to the study. The title page should include the authors' names, department(s), institution where the work was done, and institutional affiliations of authors. The corresponding author must be clearly identified and phone/fax/e-mail information must be provided. The corresponding author noted on the manuscript's title page must be the same person designated as corresponding author within the Elsevier Editorial System. The title page should include a short running title (45 characters, excluding spaces).

Disclosures

This required section must appear on the title page. Research funding sources must be acknowledged, including corporate, grant, institutional, or departmental funds. If this does not apply, authors must state that no funding sources were provided. In this section, all authors must disclose any potential conflicts of interest and must include a declaration statement if no conflicts exist. Conflicts include honoraria, travel to conferences, consultancies, stock ownership (excluding publicly owned mutual funds), equity interests, and patent-licensing arrangements (particularly if a commercial product is noted in the article).

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements: Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, please include the following sentence: This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Abstract (page 2)

An abstract of 200 words or less should describe concisely the purpose of the study, the main findings, and conclusions, all in one paragraph without subheadings. References may not be included in the abstract.

Trial registration

The Journal will only consider for publication randomized clinical trials that were registered with an appropriate registration agency (such as clinicaltrials.gov) before the first subject was recruited. Registration information must be included at the end of the Abstract.

These guidelines apply to studies that involve both pharmacological and non-pharmacological interventions. The online registry information should appear at the end of the abstract.

Perspective

This item, limited to 50 words, should appear at the end of the abstract. The perspective presents a synopsis of the work to facilitate understanding of its significance. Authors of basic science reports should highlight the potential clinical relevance of their results for the benefit of clinical readers. Authors of clinical science reports should highlight the underlying mechanisms for the results, for the benefit of clinical scientists and basic scientists. Example: "Perspective: This article presents the psychometric properties of a new measure of spouse responses to patient chronic pain and well behavior. This measure could potentially help clinicians who seek to assess how spouse responses may contribute to patient pain and disability." References should not be included in the Perspective.

Key words: Five key words should be provided following the Perspective.

Text: Text headings should be as follows:

Introduction: State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Methods: Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference; only relevant modifcations should be described.

Results: Results should be clear and concise.

Discussion: This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Subheadings in the *Methods*, *Results*, and *Discussion* sections should be used as necessary to aid organization and presentation, but subheadings and sections should not be numbered. All

sections should be written concisely. Limit the *Introduction* to 600 words and the *Discussion* to 1500 words. Note that section labels may not apply to some article types, including Focus Articles and Critical Review Articles.

Footnotes are not permitted in the text. Information must be cited parenthetically, or within the *References* section.

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• ***Author names and affiliations.*** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.

• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Graphical abstract

Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. You can view Example Graphical Abstracts on our information site.

Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are a short collection of bullet points that convey the core findings of the article. Highlights are optional and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). You can view example Highlights on our information site.

Acknowledgments

Collate acknowledgments in a separate section at the end of the article before the references; do not include them on the title page, as a footnote to the title, or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (eg, providing language help, writing assistance, or proofreading the article). The Acknowledgments section is optional.

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article.

Artwork

All figures must be cited in the text; figures must be cited in consecutive order (this also applies to individual panels within figures). Computer-generated figures should use solid fills or cross-hatching, not tonal shading. Color figures may be accepted but any cost related to print production is the responsibility of the author. However, authors who are members of the American Pain Society may qualify for complimentary production of essential color figures. Also, color figures may be published in the electronic version of *The Journal* at no cost to the authors. Within figures, patients' eyes must be masked unless authors receive patient permission. For a consent form, contact the Editorial Office at jpain@jpain.us.

TIFF and EPS are the preferred formats for artwork. All type fonts used in studio-created artwork must be either "embedded" in the file or supplied separately. All graphic files

supplied as bitmap format (not vector format) in TIFF, JPEG, or GIF must be submitted in sufficiently high resolution (240-300 dpi for grayscale or color images and 600-1000 dpi for line art) to allow for printing. See Elseviers website for guidelines for preparing electronic artwork: http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Figure Legends

A legend must be provided for each figure. Figure legends should be brief and not repetitive of description in the text. Legends should be placed in numerical order after the list of references.

Tables

All tables must be cited in the text in consecutive order. Tables should be comprehensive without reference to the text and should not be repetitive of descriptions in the text. Every table should consist of two or more columns; tables with only one column will be treated as lists and incorporated into the text. Each column must have a column heading. Explanatory matter and source notations for borrowed or adapted tables should be placed in a table footnote, not in the title or table body.

Reference formatting

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Journal articles

Jensen MP, Hakimian S, Sherlin LH, Fregni F: New insights into neuromodulatory approaches for the treatment of pain. J Pain 9:193-199, 2008

Books

Koltzenberg M, McMahon S (eds): Wall and Melzack's Textbook of Pain, 5th ed. Philadelphia, Elsevier, 2006

Chapter/article in book

Begg C: Publication bias. In: Cooper H, Hedges L (eds): Handbook of Research Synthesis. New York, Russell Sage Foundation, 1994, pp 399-409

Software

SAS Institute. SAS/STAT software: Changes and enhancements through release 6.12. Cary, NC: SAS Institute, 1996

Supplement

Dworkin RH, Gnann JW, Oaklander AL, Raja SN, Schmader KE, Whitley RJ: Diagnosis and Assessment of Pain Associated with Herpes Zoster and Postherpetic Neuralgia. J Pain 9(Suppl 1):37-55, 2008

Epub Ahead of Print

Nielsen CS, Staud R, Price DD: Individual differences in pain sensitivity: Measurement, causation, and consequences. J Pain 2009 Feb 8; [Epub ahead of print]

URL

The American Academy of Pain Medicine: The use of opioids for the treatment of chronic Pain: A Consensus Statement. Available at: http://www.painmed.org. Accessed March 9, 2006

For other examples not listed here, please contact *The Journal of Pain* editorial office at jpain@jpain.us or at (319)430-4118.

The reference list should appear at the end of the manuscript. The list must be in alphabetical order, according to the surname of the first author. In cases of multiple citations by the same first author, references should be listed by chronological date of the publication. In cases of multiple citations by the same first author and different second, third, etc. authors, references should be cited in alphabetical order according to the surname of the second, third, etc.

authors. Within the text, papers should be cited using superscript numbers that correspond to the alphabetized reference list as follows: "Similar changes were demonstrated in the cingulate cortex.[15]" All authors must be listed in the references; the use of et al is not permitted. Journal abbreviations should conform to the style used in *Index Medicus,* National Library of Medicine. Unpublished data, personal communications, and abstracts that cannot be retrieved by readers (eg, some meeting abstracts), and other inaccessible materials may not be listed as references. Unpublished materials may be cited parenthetically within the text, noting the main author and the year in which the research was conducted. For manuscripts containing citations that are in press, authors must have electronic copies immediately available in case reviewers/ editors request these materials. If all or part of this research was presented in Abstract form at an American Pain Society annual meeting, please note this at the end of the Introduction and include the citation in the list of References, citing abstracts published in *The Journal of Pain's* annual meeting supplemental issue. For information on formatting a specific Abstract reference, contact the Editorial Office at jpain@jpain.us.

Citation in text

Ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). The abstract may not contain references. Unpublished results and personal communications are not permitted in the reference list but may be mentioned in the text as "Unpublished results" or "Personal communication." For unpublished study results, include the main author's name and the year during which the research was conducted. In-press references are allowed for initial submission and during the review process only. Revised manuscripts accepted for publication by *The Journal of Pain* may not include in-press or unpublished materials in the references section; these materials may be cited within the text parenthetically as noted above.

Reference links

Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

A DOI can be used to cite and link to electronic articles where an article is in-press and full citation details are not yet known, but the article is available online. A DOI is guaranteed never to change, so you can use it as a permanent link to any electronic article. An example of a citation using DOI for an article not yet in an issue is: VanDecar J.C., Russo R.M., James D.E., Ambeh W.B., Franke M. (2003). Aseismic continuation of the Lesser Antilles slab beneath northeastern Venezuela. Journal of Geophysical Research, http://dx.doi.org/10.1029/2001JB000884i. Please note the format of such citations should be in the same style as all other references in the paper.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference management software

Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley and Zotero, as well as EndNote. Using the word processor plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide.

Users of Mendeley Desktop can easily install the reference style for this journal by clicking the following link: http://open.mendeley.com/use-citation-style/the-journal-of-pain. When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug-ins for Microsoft Word or LibreOffice.

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations.

Video

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Supplementary material

Supplementary material can support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Please note that such items are published online exactly as they are submitted; there is no typesetting involved (supplementary data supplied as an Excel file or as a PowerPoint slide will appear as such online). Please submit the material together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. If you wish to make any changes to supplementary data during any stage of the process, then please make sure to provide an updated file, and do not annotate any corrections on a previous version. Please also make sure to switch off the 'Track Changes' option in any Microsoft Office files as these will appear in the published supplementary file(s). For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages.

Virtual Microscope

The journal encourages authors to supplement in-article microscopic images with corresponding high resolution versions for use with the Virtual Microscope viewer. The Virtual Microscope is a web based viewer that enables users to view microscopic images at the highest level of detail and provides features such as zoom and pan. This feature for the first time gives authors the opportunity to share true high resolution microscopic images with their readers. More information and examples. Authors of this journal will receive an invitation e-mail to create microscope images for use with the Virtual Microscope when their manuscript is first reviewed. If you opt to use the feature, please contact virtualmicroscope@elsevier.com for instructions on how to prepare and upload the required high resolution images.

Permissions

To use information borrowed or adapted from another source, authors must obtain permission from the copyright holder (usually the publisher). This is necessary even if you are the author of the borrowed material. It is essential to begin the process of obtaining permissions early; a delay may require removing the copyrighted material from the article. Give the source of a borrowed table in a footnote to the table; give the source of a borrowed figure in the legend of the figure. The source must also appear in the list of references. Use exact wording required by the copyright holder. Send copies of the letter granting permission, identified by table or figure number, to the Editorial Office at jpain@jpain.us (a scanned and uploaded copy is fine; please include the manuscript number in the subject line).

To secure permission for materials published in *The Journal of Pain*, please visit http://www.elsevier.com/authors/obtaining-permission-to-re-use-elsevier-material. For more information about permission issues, contact permissionshelpdesk@elsevier.com or visit http://www.elsevier.com/permissions.

Embargo Policy

Accepted manuscripts are embargoed until *The Journal's* monthly mail date. Unauthorized release of materials before that date is expressly prohibited. For mail date information, contact the Editorial Office at jpain@jpain.us.

Cover Images

The Journal of Pain will publish appropriate images on the journal's cover. Selected figures may accompany a submitted manuscript (authors should make a note in the covering letter), or images may be submitted individually. Authors are encouraged to submit art for consideration; materials may be uploaded to http://ees.elsevier.com/jpain.

Proprietary Information

Use nonproprietary names for drugs, and descriptions for devices. Brand name may be mentioned only once within the text (upon first reference), unless essential to the study. For presentation of brand or trade names, include manufacturer's name, city, state and country within parentheses. Upon subsequent reference, use generic drug names or device descriptions only.

* Normas para publicação disponíveis em: https://www.elsevier.com/journals/the-journal-of-pain/1526-5900/guide-for-authors.

3. ARTIGO ORIGINAL

Psychometric properties of the Brazilian version of Behavioral Pain Scale in traumatic brain injury

Caíque J. N. Ribeiro, MSc[a]; Alanna G. C. Fontes Lima, MSc[a]; Raphael A. Santiago de Araújo, BSc (DR)[b]; Mariangela da Silva Nunes, PhD[c]; José A. Barreto Alves, PhD[d]; Daniele Vieira Dantas, PhD[d]; Maria do C. de Oliveira Ribeiro, PhD[d]

[a]Postgraduate Program of Health Sciences, Federal University of Sergipe, Sergipe, Brazil.

[b]Department of Medicine, Federal University of Sergipe, Sergipe, Brazil.

[c]Department of Nursing, Federal University of Sergipe, Sergipe, Brazil.

[d]Postgraduate Program of Nursing, Federal University of Sergipe, Sergipe, Brazil.

Number of pages: 16

Number of tables: 5

Correspondence

Caíque Jordan Nunes Ribeiro

Postgraduate Program of Health Sciences, Federal University of Sergipe

Teaching Hospital, Federal University of Sergipe

Cláudio Batista Street, Sanatório, Aracaju, Sergipe, Brazil

Phone: +55 79 99132-1864. E-mail: caiquejordan_enf@yahoo.com.br

Conflict of interest: The authors declare that there is no conflict of interest regarding the publication of this article.

Research funding: none

Abstract

We aim to evaluate the psychometric properties of validity, reliability and responsiveness of the Brazilian version of the Behavioral Pain Scale (BPS-Br) in traumatic brain injury victims. This is an observational, cross-sectional, repeated-measure, and analytical study, performed in two ICUs within a Brazilian high-complexity public hospital. It was completed with 444 independent observations, a pairwise comparison and performed simultaneously before, during and after eye cleaning and endotracheal suctioning of thirty-seven adult patients with moderate to severe traumatic brain injury.

The BPS-Br had good internal consistency ($0.7 \leq \alpha \leq 0.9$), good discriminant validity ($p < 0.001$), moderate to excellent reliability based on inter-rater agreement (ICC = 0.66 – 1.00 e κ = 0.5 – 1.0), and high responsiveness (0.7 – 1.7). The upper limbs subscale had the highest score during the nociceptive procedure (1.8 ± 0.9). Deep sedation affected the increase of grading during painful procedures ($p < 0.001$). Our results suggest the BPS-Br is a useful tool for clinical practice to evaluate the pain experienced by this group of patients. Furthermore, it may also contribute to improvements in handling analgesia and sedation, which contributes to better outcomes for these patients.

Perspective

This article presents the psychometric properties of the Behavioral Pain Scale. This measure could potentially help clinicians assess pain in critically ill patients with traumatic brain injury and may contribute to improvement of pain management.

Keywords: *Behavioral Pain Scale*; nociceptive pain; pain measurement; traumatic brain injuries; intensive care unit.

Introduction

Self-reporting is considered the "gold standard" for assessing pain; however, certain conditions, such as delirium, artificial airway insertion, unconsciousness, sedative therapy, and mechanical ventilation complicate efforts at communication, making the pain assessment of nonverbal patients a challenge (1–3).

Critically ill patients need intensive care arrangements to ensure their basic physiological functions. In addition to the pain related to disease processes and being restrained in bed, intensive care units (ICU) administer large numbers of invasive and painful procedures such as turning, wound care, and endotracheal suctioning (4, 5).

The inability to report one's pain neither denies its existence nor waives the right to proper treatment (6). Therefore, studies on pain in critical care have gained importance in recent years, and several observational tools to assess pain have been created for patients who are unable to self-report (7-9). However, few services adopt protocols to prioritize pain management in the ICU.

The Behavioral Pain Scale (BPS) is the only instrument to be translated and adapted to Brazilian Portuguese (10). Several studies describe successful results on its validity and reliability in other languages (11-14). However, the evidence related to the Brazilian version of BPS (BPS-Br) is still scarce, especially in patients who suffer traumatic brain injury (TBI).

Usually, victims of moderate or severe TBI experience pain along with their hospitalization, but it can be disguised due unconsciousness and deep sedation to avoid neurological complications (15). Thus, this study aimed to analyze the psychometric properties (validity, reliability and responsiveness) of the BPS-Br in victims of TBI.

Materials and Methods

Study Design

The current work is an observational, cross-sectional, repeated-measure and analytical study developed at the Medical and Surgical ICU in a high-complexity public hospital at Aracaju, Sergipe, Brazil. The data collection period occurred from September 2015 through June 2016.

Sample

We required a total of 25 to 30 patients via a nonprobabilistic convenience sampling method based on the calculation of an α-Cronbach coefficient of 0.90 ± 0.05 (13, 16).

Eligible participants were 18 years old or over, had moderate or severe TBI, and subjected to mechanical ventilation for at least 48 hours. The exclusion criteria included conditions that interfere with the observation of pain-related behaviors, such as quadriplegia, neuromuscular blockers, underlying neurological disease, diagnosis of brain death, shock, and/or receiving resuscitation (hemodynamically unstable).

Variables and Measures

Sociodemographic and clinical data, such as gender, age, skin color, civil status, education, comorbid conditions, resident address, initial Glasgow Coma Scale and APACHE II scores (17), place of occurrence and mechanism of injury, clinical classification of TBI, safety device use, and information regarding analgesia and sedation were collected through an analysis of medical records.

The Ramsay and Richmond Agitation-Sedation Scale (RASS) was used for the evaluation of depth of sedation (18). Physiological parameters, including heart rate (HR) and blood pressure (SBP and DBP), were collected through a bedside cardiac monitor.

Pain assessment was performed with the BPS-Br, which is divided into three subscales: facial expression (FE), upper limbs (UL), and compliance with ventilation (CWV). Each subscale has indicators ranging from 1 to 4, and the total score of BPS is the sum of the partial results, ranging from 3 (no pain) to 12 (unacceptable pain).

Training

The assistants received theoretical training, which explained general concepts about pain and its measurement, physiological and behavioral indicators in unconscious and mechanically ventilated patients, on the correct completion of BPS-Br scores. Then, a pilot test was conducted with three patients for practical training and evaluation of the adequacy of the collection form. The data from the pilot patients were discarded and were not included in the final analysis.

Procedure

BPS scores were obtained through simultaneous paired testing by two independent observers, as reported in the methodological procedures of previous studies (11, 16, 19, 20)

Assessments occurred five minutes before, during, and ten minutes after nonpainful and painful procedures. The basal BPS score was the value obtained during the rest period; i.e., for five minutes before non-nociceptive (eye cleaning – EC) or nociceptive stimuli (endotracheal suctioning – ES). EC was always applied before ES to diminish eventual interferences of nociceptive stimuli. It was considered the “worst” result observed over ES.

Statistical analysis

Categorical variables were presented by absolute and relative frequencies, and quantitative variables were expressed as central tendency and dispersion (mean ± SD). The data distributions did not demonstrate symmetry according to the Kolmogorov-Smirnov test. At all stages of analysis, we used a statistical significance level of 5% ($p < 0.05$).

Pearson's correlation coefficient was used to check the existence of associations among clinical, physiological, ventilation, sedative and analgesic drugs and the total score of BPS during ES.

The discriminant validity of physiological parameters and BPS scores were evaluated by non-parametric tests such as Friedman (comparison between measures before, during, and after EC or ES) and Wilcoxon signed-rank tests (comparison between pairs of different measures).

Reliability was verified by measures of inter-observer agreement and internal consistency. An Intra-class Correlation Coefficient (ICC) was calculated, and results ≥ 0.75 were considered good; for Cohen's Kappa (κ), results between 0.61 to 0.80 were considered substantial and ≥ 0.81 excellent; for Percentages Agreement (%) and Cronbach's α, measures ≥ 0.7 were considered good (13, 21).

Responsiveness was estimated by the calculation of effect size obtained by the difference between the average scores of the BPS, during ES and bed rest, divided by the standard deviation of the BPS scores throughout the rest. Coefficient values ≥ 0.8 were considered satisfactory (13, 16).

Ethical Aspects

This study followed the recommendations set forth by the Declaration of Helsinki and it was approved by the Research Ethics Committees of Federal University of Sergipe (CAAE:

38567714.1.0000.5546). Informed consent was given by one of the patient's eligible guardians by signing the consent form. ES was performed exclusively by physiotherapists according to the needs presented by each patient. No additional procedures were performed for the benefit of this study.

Results

Clinical and sociodemographic data

The sample consisted of 37 patients, and their sociodemographic and clinical characteristics are described in Table 1. Each patient was evaluated in paired comparisons before, during, and after EC and ES, for a total of 444 observations (37 patients X 2 observers X 2 procedures X 3 measures).

Participants were predominantly male (91.0%), working-age adults (37.7 ± 13.1 years), non-white skin color (67.6%), low educational level (4.6 ± 3.9 years), countryside residents (73.0%), and without any history of previous diseases or preexisting comorbidities (97.3%). They all experienced hospital stay and mechanical ventilation for more than a week and an average stay in the ICU of 4.5 ± 3.4 days.

Severe TBI was predominate (91.9%), and the main mechanism of injury was blunt trauma (89.1%), especially due to automotive collisions that occurred within the countryside (78.4%), mainly involving motorcycles, in which more than two thirds of patients did not use safety devices (helmet or seat belt).

Analgesia and sedation

Participants were sedated with moderate to heavy intensity (Ramsay = 5.5 ± 0.8; RASS = -3.7 ± 1.7). Midazolam and Fentanil were the most frequently used drugs for

sedation and analgesia, with their active infusions used in 67.6% of cases during ES, under medical prescription, whereas simple analgesics such as acetaminophen and dipyrone were the most prescribed in systematic schemes (Table 2). The BPS total score during ES was correlated significantly with sedation scores (Table 6).

Physiological parameters

On average, significant increases were observed ($p < 0.001$) in 14 mmHg in systolic, 13 mmHg in DBP and 26 bpm HR during ES in relation to baseline. Ten minutes after the completion of the procedure, physiological indicators returned approximately to baseline (Table 3). According to the analysis conducted by the Wilcoxon test between physiological parameter pairs during the EC and ES procedures, scores for ES were significantly higher ($p < 0.001$). However, a significant positive correlation was not observed between these parameters and total score BPS during ES.

Validity

BPS scores during ES were superior to the others in different measures of evaluation ($p < 0.001$). The upper limb movements subscale showed the greatest increase during the painful procedure (1.8 ± 0.9). Although there was a rise in BPS scores for EC, post hoc analysis with the Wilcoxon test showed superiority of BPS scores during the ES ($p < 0.001$), as shown in Table 4.

Responsiveness

Overall effect sizes and of all subscales were moderate to high (0.8 to 1.7), especially the upper limbs subscale, demonstrating the ability of the instrument to detect pain, even when the changes were small (Table 4).

Reliability

A reliability analysis is presented in Table 5. The BPS showed high Percentages Agreement (59.4% – 100.0%), Cohen's kappa coefficient values were moderate to excellent (0.50 – 1.00), and ICC was mostly satisfactory. In addition, all subscales had acceptable to excellent internal consistency according to α-Cronbach ($0.7 \leq \alpha \leq 0.9$).

Discussion

Pain management in TBI victims is complex and challenging due to the inability to verbalize pain because of decreased levels of consciousness and a need for continuous sedation to prevent complications in the acute state of trauma (15, 22). Recent guidelines have advocated for the benefits of proper assessment and management of pain based on the use of valid and reliable instruments (23-25).

According to our results, both total scores and BPS-Br scores subscales increased substantially during the ES for victims of TBI and ascertained satisfactory results of inter-observer agreement and responsiveness, suggesting that the scale is a good tool for assessing pain in this population.

Although the scores also rose during the EC, the superior level of the ES scores prevailed, proving the scale's ability to discriminate between painful and nonpainful procedures (Wilcoxon $p < 0.001$). Furthermore, the BPS-Br showed a satisfactory ability to detect slight changes throughout the evaluation. Similar results were found in previous studies featuring English (13, 20), Chinese (11, 26, 27), Swedish (19) and Portuguese (10, 12) versions of the BPS.

The FE subscale yielded the lowest score for ES. FE is one of the best-known behavioral indicators used by health professionals to assess pain, even in conscious patients, and has been used in several observational assessments (28, 29). Darwish et al. (2016) found conflicting results in a study involving 47 ICU surgical and coronary patients. Their FE scores showed higher elevation during nociceptive procedures and was the subscale with the best responsiveness (30).

Recent studies have shown that TBI victims may have unconventional behavioral manifestations during a painful procedure, such as eye-opening and a relaxed face (31). Thus, researchers have been devoted to investigating more accurate descriptors and valid assessments of FE in TBI patients (32-34). Roulin et al. (2014) identified 23 specific behavioral descriptors for these patients (35).

There were significant correlations between total BPS-Br scores and sedation (Ramsay e RASS), revealing a possible reduction in the ability to detect manifestations of pain. Similar results were found in the preliminary study of the adaptation of BPS-Br (10). This may be related to obsolete management practices of excessive painkillers and sedatives without a systematic pain assessment, a typical situation that occurs in some departments of the country. It is not yet clear if intense sedation reduces pain intensity, but it seems to interfere substantially with the manifestation of related behaviors (11).

Recent guidelines about pain, agitation, and delirium in the ICU have suggested that pain management should be a priority (23-25, 36). In addition to providing comfort and dignity to patients, evidence suggest that proper pain management can be associated with reduced needs of sedation and rates of hospital infection, shorter ICU stays, decreased time on mechanical ventilation, and increased patient participation in care, including analgesic therapy goals (36-39). However, excessive sedation is associated with respiratory depression,

microaspirations, delirium, immunosuppression, and high risk of pressure injuries and pneumonia (36, 40).

Evolution towards chronic pain is another important concern related to inadequate pain management. Research has shown that even after ICU discharge, patients may report pain persistence (41). Constant nociceptive stimuli during routine procedures can be a contributing factor for the transition from acute to chronic pain. Therefore, TBI is often associated with chronic pain and impaired quality of life for the patients (42). The preventive and preemptive analgesia protocols are essential for reducing chances of pain chronicity.

The BPS-Br presented satisfactory results for reliability. It can be derived from the rigorous and methodical training of evaluators in the period prior to data collection. Therefore, proper training of health care professionals is an important step to implementing systematic assessment protocols about pain in the ICU. A Norwegian study demonstrated the feasibility of using BPS and BPS-NI on an algorithm to guide management of pain in the ICU (43). For this, professional education and awareness is needed to ensure the best possible reproducibility of the tools (44).

However, as in previous studies, inter-observer agreement during the painful procedure was lower compared to non-painful procedures. Similar results were found in the study that compared the psychometric properties of the BPS and CPOT (45). One possible explanation for this it is that some health professionals do not associate the discomfort caused by ES pain. Thus, observers may have occasionally underestimated patient pain.

Although the investigated physiological parameters (HR, SBP and DBP) have shown substantial increases during painful stimulus vs. nonpainful stimuli, we did not find a significant correlation with BPS scores. For a long period of time, the fluctuation in these parameters was considered indicative of pain (46). However, research has shown that there is no evidence to support this hypothesis (46-50). Only respiratory rate demonstrated

discriminant validity in the study of TBI victims, though it is still lacking further investigation (51).

Several studies have reported that vital signs are not specific to pain detection (8, 47, 51), as they are influenced by other factors such as underlying pathological condition, vasoactive drug use, fear, anxiety and any other stressor that may trigger the cascade activation of catecholamines. Therefore, these physiological indicators should be used only as initial clues for further investigation of the pain phenomenon (52).

Study limitations included the impossibility of the analysis of criterion validity because there is no “gold standard” for this population, and that the evaluators were not blinded as to the nature of the procedure. However, the main researchers were excluded from the stage of data collection to reduce the bias.

We suggest further studies to on the usefulness of the BPS-Br in clinical trials involving analgesic therapies, especially non-pharmacologic therapies, as well as the relation between systematic pain evaluation to the BPS-Br and the impact on patient outcomes.

In conclusion, our results suggest that the BPS-Br is a valid, reliable, and useful tool for pain assessment of TBI victims. We strongly recommend its adoption in the daily routine of intensive care, especially during notoriously painful procedures, to evaluate the adequacy of analgosedation.

References

1. IASP: Pain Terms, A Current List with Definitions and Notes on Usage. In: Merskey H, Bogduk N, editor(s). Classification of Chronic Pain. Seattle: IASP Press; 2012. p. 209–214.

2. Czarnecki ML, Turner HN, Collins PM, et al.: Procedural pain management: a position statement with clinical practice recommendations. *Pain Manag Nurs* 2011; 12:95–111

3. Puntillo KA, White C, Morris AB, et al.: Patients' perceptions and responses to procedural pain: results from Thunder Project II. *Am J Crit Care* 2001; 10:238–251

4. Puntillo KA, Morris AB, Thompson CL, et al.: Pain behaviors observed during six common procedures: Results from Thunder Project II*. *Crit Care Med* 2004; 32:421–427

5. Herr K, Coyne PJ, Key T, et al.: Pain assessment in the nonverbal patient: Position statement with clinical practice recommendations. *Pain Manag Nurs* 2006; 7:44–52

6. Barr J, Fraser GL, Puntillo K, et al.: Clinical practice guidelines for the management of pain, agitation, and delirium in adult patients in the Intensive Care Unit. *Crit Care Med* 2013; 41:278–280

7. AACN: Assessing pain in the critically ill adult. *Crit Care Nurse* 2014; 34:81–83

8. Cade CH: Clinical tools for the assessment of pain in sedated critically ill adults. *Nurs Crit Care* 2008; 13:288–297

9. Gélinas C: Pain assessment in the critically ill adult : Recent evidence and new trends. *Intensive Crit Care Nurs* 2016; 34:1–11

10. Arbour C, Gélinas C: Behavioral and physiologic indicators of pain in nonverbal patients with a traumatic brain injury: an integrative review. *Pain Manag Nurs* 2014; 15:506–518

11. Stites M: Observational Pain Scales in critically ill adults. *Crit Care Nurse* 2013; 33:68–78

12. Payen J-F, Gélinas C: Measuring pain in non-verbal critically ill patients: which pain instrument? *Crit Care* 2014; 18:554

13. Payen J-F, Bru O, Bosson J-L, et al.: Assessing pain in critically ill sedated patients by using a behavioral pain scale. *Crit Care Med* 2001; 29:2258–2263

14. Azevedo-Santos IF, Alves IGN, Badauê-Passos D, et al.: Psychometric analysis of Behavioral Pain Scale Brazilian Version in sedated and mechanically ventilated adult patients: a preliminary study. *Pain Pract* 2015; 16:451–458

15. Chen Y-Y, Lai Y-H, Shun S-C, et al.: The Chinese Behavior Pain Scale for critically ill patients: Translation and psychometric testing. *Int J Nurs Stud* 2011; 48:438–448

16. Hylén M, Akerman E, Alm-Roijer C, et al.: Behavioral Pain Scale – translation , reliability, and validity in a Swedish context. *Acta Anaesthesiol Scand* 2016; 60:821–828

17. Azevedo-Santos IF, Alves IGN, Cerqueira-Neto ML, et al.: Validation of the Brazilian version of Behavioral Pain Scale in adult sedated and mechanically ventilated patients. *Rev Bras Anestesiol* 2016;

18. Rijkenberg S, Stilma W, Endeman H, et al.: Pain measurement in mechanically ventilated critically ill patients: Behavioral Pain Scale versus Critical-Care Pain Observation Tool. *J Crit Care* 2015; 30:167–172

19. Dobscha SK, Clark ME, Morasco BJ, et al.: Systematic review of the literature on pain in patients with polytrauma including traumatic brain injury. *Pain Med* 2009; 10:1200–1217

20. Corrigan JD, Hammond FM: Traumatic brain injury as a chronic health condition. *Arch Phys Med Rehabil* 2013; 94:1199–1201

21. Aïssaoui Y, Zeggwagh AA, Zekraoui A, et al.: Validation of a BPS in critically ill, sedated, and mechanically ventilated patients. *Anesth Analg* 2005; 101:1470–1476

22. Gélinas C, Loiselle CG, LeMay S, et al.: Theoretical, psychometric, and pragmatic issues in pain measurement. *Pain Manag Nurs* 2008; 9:120–130

23. Lohman D, Schleifer R, Amon J: Access to pain treatment as a human right. *BMC Med* 2010; 8:8

24. Flynn Makic MB: Pain management in the nonverbal critically ill patient. *J Perianesth Nurs* 2013; 28:98–101

25. Vincent JL, Shehabi Y, Walsh TS, et al.: Comfort and patient-centred care without excessive sedation: the eCASH concept. *Intensive Care Med* 2016; 42:962–971

26. Kohler M, Chiu F, Gelber KM, et al.: Pain management in critically ill patients: A review of multimodal treatment options. *Pain Manag* 2016; 18

27. Sigakis MJG, Bittner E a.: Ten Myths and Misconceptions Regarding Pain Management in the ICU. *Crit Care Med* 2015; 43:2468–78

28. Chanques G, Jaber S, Barbotte E, et al.: Impact of systematic evaluation of pain and agitation in an intensive care unit. *Crit Care Med* 2006; 34:1691–1699

29. Alasad JA, Tabar NA, Ahmad MM: Patients' experience of being in intensive care units. *J Crit Care* 2015; 30:859.e7–859.e11

30. Arbour C, Choinière M, Topolovec-Vranic J, et al.: Can fluctuations in vital signs be used for pain assessment in critically ill patients with a traumatic brain injury? *Pain Res Treat* 2014; 2014:1–11

31. Chen H-J, Chen Y-M: Pain assessment: validation of the physiologic indicators in the ventilated adult patient. *Pain Manag Nurs* 2015; 16:105–111

32. Boitor M, Fiola JL, Gélinas C: Validation of the Critical-Care Pain Observation Tool and vital signs in relation to the sensory and affective components of pain during mediastinal tube removal in postoperative cardiac surgery Intensive Care Unit Adults. *J Cardiovasc Nurs* 2015; 31:425–432

33. Le Q, Gélinas C, Arbour C, et al.: Description of behaviors in nonverbal critically ill patients with a traumatic brain injury when exposed to common procedures in the intensive care unit: A pilot study. *Pain Manag Nurs* 2013; 14:e251–e261

34. Arbour C, Choinière M, Topolovec-Vranic J, et al.: Detecting pain in traumatic brain-

injured patients with different levels of consciousness during common procedures in the ICU. *Clin J Pain* 2014; 30:960–969

35. Batalha LMC, Figueiredo AM, Marques M, et al.: Cultural adaptation and psychometric properties of the Portuguese version of the Behavioral Pain Scale - Intubated Patient (BPS-IP/PT). *Rev Enferm Ref* 2013; III:7–16

36. Arif-Rahu M, Grap MJ: Facial expression and pain in the critically ill non-communicative patient: state of science review. *Intensive Crit Care Nurs* 2010; 26:343–352

37. Rahu M, Grap MJ, Cohn JF, et al.: Facial expression as an indicator of pain in critically ill intubated adults during endotracheal suctioning. *Am J Crit Care* 2013; 22:412–422

38. Olsen BF, Rustøen T, Sandvik L, et al.: Implementation of a pain management algorithm in intensive care units and evaluation of nurses' level of adherence with the algorithm. *Hear Lung* 2015; 44:528–533

39. Olsen BF, Rustøen T, Sandvik L, et al.: Development of a pain management algorithm for intensive care units. *Hear Lung* 2015; 44:528–533

40. Topolovec-Vranic J, Canzian S, Innis J, et al.: Patient satisfaction and documentation of pain assessments and management after implementing the Adult Nonverbal Pain Scale. *Am J Crit Care* 2010; 19:345–354

41. Choi J, Hoffman LA, Schulz R, et al.: Self-reported physical symptoms in Intensive Care Unit (ICU) survivors: pilot exploration over four months post-ICU discharge. *J Pain Symptom Manag* 2014; 47:257–270

42. Corrigan JD, Hammond FM: Traumatic brain injury as a chronic health condition. *Arch Phys Med Rehabil* 2013; 94:1199–1201

43. Olsen BF, Rustøen T, Sandvik L, et al.: Development of a pain management algorithm for intensive care units. *Hear Lung* 2015; 44:528–533

44. Olsen BF, Rustøen T, Sandvik L, et al.: Implementation of a pain management algorithm

in intensive care units and evaluation of nurses' level of adherence with the algorithm. *Hear Lung* 2015; 44:528–533

45. Rijkenberg S, Stilma W, Endeman H, et al.: Pain measurement in mechanically ventilated critically ill patients: Behavioral Pain Scale versus Critical-Care Pain Observation Tool. *J Crit Care* 2015; 30:167–172

46. Chen H-J, Chen Y-M: Pain assessment: validation of the physiologic indicators in the ventilated adult patient. *Pain Manag Nurs* 2015; 16:105–111

47. Kapoustina O, Echegaray-Benites C, Gélinas C: Fluctuations in vital signs and behavioural responses of brain surgery patients in the Intensive Care Unit: Are they valid indicators of pain? *J Adv Nurs* 2014; 70:2562–2576

48. Gélinas C, Johnston C: Pain assessment in the critically ill ventilated adult: validation of the Critical-Care Pain Observation Tool and physiologic indicators. *Clin J Pain* 2007; 23:497–505

49. Gélinas C, Arbour C: Behavioral and physiologic indicators during a nociceptive procedure in conscious and unconscious mechanically ventilated adults: Similar or different? *J Crit Care* 2009; 24:628.e7-628.e17

50. Arbour C, Gélinas C: Behavioral and physiologic indicators of pain in nonverbal patients with a traumatic brain injury: an integrative review. *Pain Manag Nurs* 2014; 15:506–518

51. Arbour C, Choinière M, Topolovec-Vranic J, et al.: Can fluctuations in vital signs be used for pain assessment in critically ill patients with a traumatic brain injury? *Pain Res Treat* 2014; 2014:1–11

52. Boitor M, Fiola JL, Gélinas C: Validation of the Critical-Care Pain Observation Tool and vital signs in relation to the sensory and affective components of pain during mediastinal tube removal in postoperative cardiac surgery Intensive Care Unit Adults. *J Cardiovasc Nurs* 2015; 31:425–432

APÊNDICE I

Table 1. Sociodemographic and clinical data.

Categorical variables	n (%)
Gender	
Male	34 (91.9)
Female	3 (8.1)
Skin color	
Non-White	25 (67.6)
White	12 (32.4)
Civil status	
With life partner	19 (51.3)
No life partner	18 (48.7)
Residence	
Countryside	27 (73.0)
Metropolitan area	10 (27.0)
Mechanism of injury	
Automotive collision *	28 (75.6)
Being run over	3 (8.1)
Fall	2 (5.4)
Other	4 (10.8)

TBI clinical classification	
Severe	34 (91.9)
Mild	3 (8.1)
Incident site	
Countryside	29 (78.4)
Metropolitan area	8 (21.6)
Quantitative variables	mean ± SD
Age	37.7 ± 13.1
Education level	4.6 ± 3.9
Length of hospital stay	7.2 ± 3.7
Length of ICU stay	4.5 ± 3.4
Length in mechanical ventilation	7.1 ± 3.8
Initial ECGl	6.7 ± 2.8
APACHE II	15.4 ± 5.4

* Use of a safety device of the patients involved in motor vehicle collisions (n = 28).

APÊNDICE II

Table 2. Analgesia and sedation.

Variables	Specification
Sedation score (mean ± SD)	
Ramsay	5.5 ± 0.8
RASS	-3.7 ± 1.7
Prescribed sedation [n (%)]	
Fentanyl	31 (83.7)
Dipyrone	34 (91.9)
Acetaminophen	14 (37.8)
Methadone	7 (18.9)
Morphine	1 (2.7)
Prescribed sedation [n (%)]	
Midazolam	30 (81.1)
Propofol	1 (2.7)
No prescribed sedation	7 (18.9)
Active sedoanalgesic infusion during evaluation [n (%)]	
Yes	25 (67.6)
No	12 (32.4)
Infusion rates of solutions (mean ± SD)	
Analgesia (ml/h)	12.4 ± 5.9
Sedation (ml/h)	13.8 ± 11.6

Table 3. Fluctuations in physiological parameters over the evaluation.

Physiological parameters	Mean ± SD						p-value*	
	Before		During		After			
	EC	ES	EC	ES	EC	ES	EC	ES
SBP (mmHg)	138.3±19.1	141.1±25.1	144.1±26.0	154.9±35.4	138.5±19.0	140.0±20.4	0.025	<0.001
DBP (mmHg)	80.0±10.7	80.0±11.9	81.7±11.9	92.7±13.7	80.5±11.9	81.1±10.8	0.111	<0.001
HR (bpm)	92.5±17.2	92.9±19.2	94.2±15.3	118.9±24.6	91.2±18.4	95.1±16.5	0.091	<0.001

SD: standard deviation; EC: eye cleaning; ES: endotracheal suctioning; SBP: systolic blood pressure in millimeters of mercury; DBP: diastolic blood pressure in millimeters of mercury; HR: heart rate in beats per minute. *Friedman's Test.

Table 4. Pain assessment with BPS-Br and its discriminant validity.

Items	Mean ± SD						p-value*		Effect size
	Before		During		After				
	EC	ES	EC	ES	EC	ES	EC	ES	
Facial expression.									
Observer 1	1.0±0.2	1.1±0.5	1.1±0.3	1.5±0.8	1.0±0.0	1.1±0.5	0.097	<0.001	0.8
Observer 2	1.0±0.2	1.1±0.5	1.1±0.3	1.5±0.8	1.0±0.0	1.1±0.5	0.039	<0.001	0.8
Upper limbs									
Observer 1	1.1±0.3	1.1±0.4	1.2±0.4	1.8±0.9	1.0±0.2	1.1±0.4	0.030	<0.001	1.7
Observer 2	1.1±0.3	1.1±0.4	1.2±0.4	1.8±0.9	1.0±0.2	1.1±0.4	0.011	<0.001	1.7
Compliance with ventilation									
Observer 1	1.2±0.5	1.2±0.6	1.2±0.5	1.6±0.7	1.1±0.5	1.1±0.5	0.368	<0.001	0.7
Observer 2	1.2±0.5	1.2±0.6	1.2±0.5	1.7±0.8	1.1±0.5	1.1±0.5	0.368	<0.001	0.8
BPS total score									
Observer 1	3.3±0.8	3.3±1.2	3.4±0.8	4.9±1.8	3.1±0.4	3.2±1.2	0.013	<0.001	1.3
Observer 2	3.3±0.8	3.4±1.2	3.4±0.8	5.0±1.7	3.1±0.4	3.2±1.2	0.002	<0.001	1.3

SD: standard deviation; EC: eye cleaning; ES: endotracheal suctioning

*Friedman's Test used in three distinct moments of both procedures.

APÊNDICE V

Table 5. BPS-Br reliability analysis.

BPS	Before					
	EC			ES		
	PA(%)	ICC	κ	PA(%)	ICC	κ
FE	100.0	1.00	1.00	100.0	1.00	1.00
UL	94.6	0.72	0.72	94.6	0.82	0.64
CWV	100.0	1.00	1.00	97.3	0.96	0.88
Total	94.6	0.95	0.81	91.9	0.97	0.73
	During					
	EC			ES		
BPS	PA(%)	ICC	κ	PA(%)	ICC	κ
FE	97.3	0.85	0.84	89.2	0.91	0.80
UL	91.9	0.75	0.75	81.0	0.88	0.70
CWV	100.0	1.00	1.00	81.0	0.77	0.69
Total	89.2	0.92	0.76	59.4	0.90	0.50
	After					
BPS	EC			ES		
	PA(%)	ICC	κ	PA(%)	ICC	κ
FE	100.0	1.00	1.00	100.0	1.00	1.00
UL	97.3	0.66	0.65	100.0	1.00	1.00
CWV	100.0	1.00	1.00	100.0	1.00	1.00
Total	97.3	0.92	0.85	100.0	1.00	1.00

FE: facial expression; UL: upper limbs; CWV: compliance with ventilation; EC: eye cleaning; ES: endotracheal suctioning; PA: percentage agreement; ICC: intraclass correlation coefficient; κ: Cohen's Kappa.

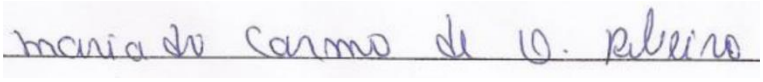
ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA
COMISSÃO DE INTERNATO

Carta de Aceite de Orientação

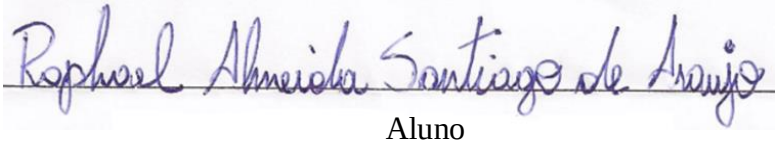
Eu, Maria do Carmo de Oliveira Ribeiro, professora efetiva da Universidade Federal de Sergipe (UFS), afirmo que aceito a partir da data de hoje orientar o aluno Raphael Almeida Santiago de Araujo, do Curso de Medicina durante todas as etapas de desenvolvimento do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Aracaju, 26 de JULHO de 2016.



Professor Orientador

SIAPE nº 2356666



Aluno

Matrícula nº 201110022732

ANEXO II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
Orientadora: Profª Drª Maria do Carmo de Oliveira Ribeiro
Pesquisador: Caíque Jordan Nunes Ribeiro

PESQUISA: ***"Dor durante aspiração traqueal em vítimas de traumatismo cranioencefálico"***

PARTE I - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Nome: _____ **Cartão SUS:** _____

Nº Prontuário: _____ **Sexo:** ☐ Masculino ☐ Feminino **Idade em anos completos:** _____

Estado civil: ☐ Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ União estável ☐ Divorciado(a) ☐ Viúvo(a)

Escolaridade em anos de estudo: _____

Residência: ☐ Aracaju ☐ Socorro, São Cristóvão, Barra dos Coqueiros ☐ Outro município _____

PARTE II - HISTÓRICO DE SAÚDE E DADOS DA ADMISSÃO

Comorbidades: ☐ DM ☐ HAS ☐ Hepatopatia ☐ Nefropatia ☐ Cardiopatia ☐ Outra(s): _____

Local do evento: ☐ Aracaju ☐ Socorro, São Cristóvão, Barra dos Coqueiros ☐ Outro município _____

Data do evento: ___/___/___ **Turno do evento:** ☐ M ☐ T ☐ N **Dia da semana:** _____

Data e Horário de chegada ao hospital: ___/___/___ - ____:____ **Dias de internamento:** _____

Classificação do TCE: ☐ Moderado ☐ Grave

Escores de severidade: APACHE II: _____ SOFA: _____ NISS: _____

Mecanismo do trauma: ☐ Queda da própria altura ☐ Colisão automobilística → ☐ Moto ☐ Carro ☐ Bicicleta ☐ Queda de altura ☐ Atropelamento ☐ FAF ☐ FAB

Localização das lesões: ☐ Tórax ☐ Abdome ☐ MSD ☐ MSE ☐ MID ☐ MIE ☐ TRM

Possui registro de dor no prontuário? ☐ Sim ☐ Não → Se sim → ***Qual(is) profissional(is) registrou(aram)?*** ☐ ENF ☐ MED ☐ Fisio ☐ TÉC ENF.

Quais os indicadores referidos?

☐ *Comportamentais*: ☐ Expressão facial ☐ Rigidez muscular ☐ Vocalização ☐ Conforto VM

☐ *Fisiológicos*: ☐ PAS ☐ PAD ☐ PAM ☐ FR ☐ FC ☐ PIC ☐ Sudorese

Analgesia e sedação prescritas: ☐ Analgésicos simples _____

☐ AINES _____

☐ Opioides _____

☐ Sedativos _____

LEGENDA: AINES - anti-inflamatórios não esteroidais; **CVC** - cateter venoso central; **CVP** - cateter venoso periférico; **DM** - diabetes mellitus; **ECGl** - escala de coma de Glasgow; **ENF** - enfermeiro; **FAB** - ferimento por arma branca; **FAF** - ferimento por arma de fogo; **Fisio** - fisioterapeuta; **HAS** - hipertensão arterial sistêmica; **MED** - médico; **MID** - membro inferior direito; **MIE**- membro inferior esquerdo; **MSD** - membro superior direito; **MSE** - membro superior esquerdo; **PAI** - pressão arterial invasiva; **PAni** - pressão arterial não invasiva; **SNE** - sonda nasoenteral; **SOG** - sonda orogástrica; **SVD** - sonda vesical de demora; **TÉC ENF** - técnico de enfermagem; **TOT** - tubo orotraqueal; **TQT** - traqueóstomo; **TRM**- trauma raquimedular.

ANEXO III

<table>
<tr><th colspan="4">Descrição das Lesões e Cálculo da Gravidade do Trauma[1]</th></tr>
<tr><th>Região Corpórea</th><th>Lesão</th><th>Código AIS</th><th>Gravidade da lesão</th></tr>
<tr><td>Cabeça ou pescoço</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Face</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Tórax</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Abdome ou conteúdo pélvico</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Extremidades ou cintura pélvica</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Superfície externa</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="4">Escore NISS= [( )² +( )² + ( )²]=</td></tr>
<tr><td colspan="4">Acute Physiology and Chronic Health disease Classification System II (APACHE II)</td></tr>
<tr><td colspan="2">Idade: _____ anos
Escore ECGl: _____</td><td colspan="2">Sódio sérico: _____ mEq/L
Potássio sérico: _____ mEq/L
Creatinina Sérica: _____ mg/dL
Insuficiência renal aguda: ☐ Sim ☐ Não</td></tr>
<tr><td colspan="2">Temperatura: _____ ºC
Pressão arterial média (PAM): _____ mmHg
Frequência cardíaca: _____ bpm
Frequência respiratória: _____ irpm</td><td colspan="2">Hematócrito: _____%
Leucócitos: _____
Insuficiência orgânica severa / imunocomprometido:
☐ Nenhuma ☐ Não-Cirúrgico
☐ Cirurgia de Emergência ☐ Cirurgia Eletiva</td></tr>
<tr><td colspan="2">FiO_2: _____ %
PaO_2: _____ mmHg
pH arterial: _____</td><td colspan="2">Escore APACHE II: _____
Mortalidade estimada: _____</td></tr>
<tr><td colspan="4">Sequential Organ Failure Assessment (SOFA)</td></tr>
<tr><td>FiO_2: _____ %
PaO_2: _____ mmHg
Ventil. mecânica: ☐ Sim ☐ Não</td><td>PAM: _____ mmHg
Vasopressores: ☐ Sim ☐ Não
Dopamina: _____ mcg/kg/min
Dobutamina: _____ mcg/kg/min
Epinefrina: _____ mcg/min
Norepinefrina: _____ mcg/min</td><td colspan="2">Creatinina Sérica: _____ mg/dL
Débito urinário: _____ mL/dia
Escore ECGl: _____</td></tr>
<tr><td>Plaquetas: _____</td><td>Bilirrubina: _____</td><td colspan="2">Escore SOFA: _____</td></tr>
</table>

[1] Association for the Advancement of Automotive Medicine. The Abbreviated Injury Scale; 2005 revision. Des Plaines, IL: Association for the Advancement of Automotive Medicine.

ANEXO IV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a), vimos convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: "**DOR DURANTE ASPIRAÇÃO TRAQUEAL EM VÍTIMAS DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO**"

Pesquisador: Caíque Jordan Nunes Ribeiro **Tel:** (79) 9817-6517
E-mail: caiquejordan_enf@yahoo.com.br

Orientadora: Profª Drª Maria do Carmo de Oliveira Ribeiro **Tel:** (79) 9892-9191
Email: enffer2@gmail.com

Eu, _____, fui convidado(a) pelo pesquisador da Universidade Federal de Sergipe, devidamente identificado, para permitir a participação de _____, na pesquisa que tem por objetivo geral: "avaliar o manejo da dor em vítimas de traumatismo cranioencefálico antes e durante a aspiração traqueal".

Fui informado(a) que responderei a perguntas sobre a saúde e alguns dados pessoais (anos de estudo, estado civil, cidade onde mora) do meu representado e que os pesquisadores irão apenas fazer observações durante os procedimentos de limpeza do olho e de aspiração. Estou ciente de que esses dados serão usados exclusivamente para fins de pesquisa e que terei a garantia do anonimato, privacidade e confidencialidade.

Acredita-se que esta pesquisa poderá trazer como benefícios a criação de protocolos de medicação para dor, e, por conseguinte, uma assistência humanizada. No estudo existem riscos mínimos, no entanto a posse exclusiva dos dados pelos responsáveis da pesquisa e garantia do anonimato, sigilo e confidencialidade anularão tais riscos.

Após ter recebido informações claras, eu concordo com a participação no estudo do meu representado.

_____ _____
Assinatura do Representante Legal Caíque Jordan Nunes Ribeiro

Aracaju, ___/___/____

ANEXO V

PESQUISA: *"Dor durante aspiração traqueal em vítimas de traumatismo cranioencefálico"*

Data da avaliação: ____/____/_____ **Observador:** _____

Nome: _____

Nº do prontuário: _____ **Ramsay:** _____ **RASS:** _____

DADOS CLÍNICOS

Dispositivos em uso: ☐ TOT ☐ TQT ☐ CVC ☐ CVP ☐ PAI ☐ PAni ☐ Oxímetro de pulso ☐ SVD ☐ SOG ☐ SNE ☐ Dreno(s) _____ ☐ Contenção física

Analgesia e sedação: ☐ Analgésicos simples _____
☐ AINES _____
☐ Opioides _____
☐ Sedativos _____

Sedação em BI ativa? ☐ Sim ☐ Não → Se sim → **Vel. de infusão:** _____

Parâmetros da VM (antes da aspiração) → MV: _____ **FI:** _____ **FiO_2:** _____ **PEEP:** _____ **FR:** _____

***BEHAVIORAL PAIN SCALE* (BPS/PtBr)** **Procedimento:** ☐ Limpeza do olho ☐ Aspiração

ITENS	**HORA:** ____:____	**Repouso (Antes do procedimento)**	**Valor máximo durante o procedimento**	**Repouso (10 min pós-procedimento)**
Expressão Facial *1 Relaxada* *2 Parcialmente contraída (ex. abaixamento palpebral)* *3 Completamente contraída (ex. olhos fechados)* *4 Contorção facial*				
Movimento dos membros superiores *1 Sem movimento* *2 Movimentação parcial* *3 Movimentação completa com flexão dos dedos* *4 Permanentemente contraídos*				
Conforto com o ventilador mecânico *1 Tolerante* *2 Tosse mas tolerante à ventilação mecânica a maior parte do tempo* *3 "Brigando" com o ventilador* *4 Sem controle da ventilação*				
Parâmetros fisiológicos *Pressão arterial sistólica (PAS)*				
Pressão arterial diastólica (PAD)				
Frequência cardíaca (FC)				

LEGENDA: AINES - anti-inflamatórios não esteroidais; **BI -** bomba de infusão; **CVC -** cateter venoso central; **CVP -** cateter venoso periférico; **ECGI -** escala de coma de Glasgow; **ENF -** enfermeiro; **FI -** fluxo inspiratório; **FiO_2 -** fluxo inspirada de O_2; **Fisio -** fisioterapeuta; **FR -** frequência respiratória; **MED -** médico; **MV -** modo ventilatório; **PAI -** pressão arterial invasiva; **PAni -** pressão arterial não invasiva; **PEEP -** pressão expiratória final positiva; **SNE -** sonda nasoenteral; **SOG -** sonda orogástrica; **SVD -** sonda vesical de demora; **TÉC ENF -** técnico de enfermagem; **TOT -** tubo orotraqueal; **TQT -** traqueóstomo; **Vel. -** velocidade.

ANEXO VI

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/ HU-

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DOR DURANTE ASPIRAÇÃO TRAQUEAL EM VÍTIMAS DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO

Pesquisador: MARIA DO CARMO DE OLIVEIRA RIBEIRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38567714.1.0000.5546

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 903.798

Data da Relatoria: 04/12/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de mestrado, no qual pretende avaliar a dor em pacientes com traumatismo encefálico , durante o procedimento de aspiração traqueal. Para isso utilizarão uma escala de dor validada recentemente no Brasil.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Avaliar o manejo da dor em vítimas de traumatismo cranioencefálico antes e durante a aspiração traqueal.

Objetivo Secundário:

Avaliar a validade, confiabilidade e responsividade da versão brasileira da Behavioral Pain Scale em vítimas de TCE;Identificar a prevalência da dor
por meio das variáveis: expressão facial, movimentação de membros superiores e sincronia com a ventilação durante a aspiração;Verificar o registro
da dor pela equipe multiprofissional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são mínimos pois os pesquisadores não realizarão nenhum procedimento nos sujeitos participantes. Farão apenas a observação durante o procedimento de aspiração realizado pela

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº
Bairro: Sanatório **CEP:** 49.060-110
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)2105-1805 **E-mail:** cephu@ufs.br

ANEXO VII

Your recent submission to JPAIN

The Journal of Pain <eesserver@eesmail.elsevier.com>
seg 02/01/2017 09:19
Para: raphasantiago@hotmail.com

Dear Dr. Raphael Santiago de Araújo,

You have been listed as a Co-Author of the following submission:

Journal: The Journal of Pain
Corresponding Author: Caíque Jordan Nunes Ribeiro
Co-Authors: Alanna Gleice C Fontes Lima, MSc.; Raphael A Santiago de Araújo, BSc; Mariangela da Silva Nunes, PhD.; José A Barreto Alves, PhD.; Daniele Vieira Dantas, PhD.; Maria C de Oliveira Ribeiro, PhD.
Title: Psychometric properties of the Brazilian version of Behavioral Pain Scale in traumatic brain injury

If you did not co-author this submission, please contact the Corresponding Author of this submission at caiquejordan_enf@yahoo.com.br;caiquejordan.enf@gmail.com; do not follow the link below.

An Open Researcher and Contributor ID (ORCID) is a unique digital identifier to which you can link your published articles and other professional activities, providing a single record of all your research.

We would like to invite you to link your ORCID ID to this submission. If the submission is accepted, your ORCID ID will be linked to the final published article and transferred to CrossRef. Your ORCID account will also be updated.

To do this, visit our dedicated page in EES. There you can link to an existing ORCID ID or register for one and link the submission to it:
http://ees.elsevier.com/jpain/l.asp?i=121732&l=2Q5SC947

More information on ORCID can be found on the ORCID website, http://www.ORCID.org, or on our help page: http://help.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/2210/p/7923

Like other Publishers, Elsevier supports ORCID - an open, non-profit, community based effort - and has adapted its submission system to enable authors and co-authors to connect their submissions to their unique ORCID IDs.

Thank you,

The Journal of Pain

ANEXO VIII

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA
COMISSÃO DE INTERNATO

CORREÇÃO DA MONOGRAFIA

Prezada **Profa. Dra. Amélia Maria Ribeiro de Jesus**

Nota: **_____**

Em nome da Comissão de Internato do Departamento de Medicina, temos a satisfação de convidá-lo a participar da avaliação das Monografias de Conclusão de Curso de Medicina, turma 2016.2.

Aluno (a): Raphael Almeida Santiago de Araujo

Título: Psychometric properties of the Brazilian version of Behavioral Pain Scale in traumatic brain injury

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo de Oliveira Ribeiro

A pesquisa foi desenvolvida pelo formando durante sua vida acadêmica, e possui um orientador necessariamente vinculado ao corpo docente da UFS, seja como professor efetivo, substituto ou colaborador-voluntário regular.

Informamos que a avaliação compõe-se de duas fases:

1. *Correção do texto escrito*

Conforme as normas aprovadas pela Comissão de Internato, o texto escrito deve constar de:

a) Revisão da Literatura, que objetiva o embasamento teórico do estudante e a apresentação ao leitor do "estado-da-arte" do tema escolhido. Deve seguir as normas atuais da ABNT.
b) Normas de publicação do periódico, escolhido pelo orientador, onde o manuscrito foi ou virá a ser submetido à apreciação para publicação. Artigos já publicados podem ser apresentados como Monografia de Conclusão de Curso, desde que sejam fruto de

pesquisa desenvolvida pelo aluno e seu orientador. Caso o periódico seja internacional, as Normas podem ser apresentadas em língua inglesa.

c) Artigo original completo, no formato de submissão ao periódico, incluindo número de palavras, referências, tabelas e figuras. Pesquisas envolvendo seres humanos devem mencionar aprovação do projeto inicial pela Comissão de Ética envolvendo Seres Humanos da UFS.

d) Elementos pré e pós textuais, incluindo agradecimentos, dedicatórias e anexos, são opcionais e têm formato livre.

Essa fase é avaliada por um professor, que atribuirá nota entre zero e oito. O avaliador deve considerar:

a) Relevância do tema e da pergunta de pesquisa;
b) Adequação dos métodos aos objetivos propostos;
c) Importância dos resultados obtidos;
d) Fundamentação teórica na discussão dos resultados;
e) Nexo entre objetivos e conclusões;
f) Qualidade do texto escrito: adequação formal, organização, linguagem e estilo;
g) Atualidade e abrangência da revisão da literatura.

É aconselhável que o professor que avalia o texto escrito realize uma "pré-banca" com o aluno para apresentação de suas sugestões, as quais serão discutidas com o respectivo orientador.

A nota do texto escrito deve ser entregue à Comissão de Internato até a data da apresentação, previamente definida e comunicada aos internos.

O texto escrito, depois de corrigido, deve ser convertido pelo aluno para o formato PDF e ser enviado por e-mail para a Comissão de Internato para arquivamento impreterivelmente até o dia da apresentação oral.

2. *Avaliação da apresentação oral da pesquisa*

As apresentações orais ocorrerão nos dias e horários predeterminados, em grupos de 10 alunos por turno. Cada apresentador terá até 15 minutos para apresentar seu trabalho, e a plateia (banca, alunos e professores convidados) terão 5 minutos para tecer comentários e arguir o apresentador.

A avaliação será feita por uma banca composta por no mínimo cinco professores, incluindo o professor avaliador da monografia, que avaliarão os seguintes itens:

a) Conteúdo;
b) Qualidade da apresentação: slides, organização, respeito ao tempo de 15 minutos;
c) Postura do apresentador;
d) Capacidade de resposta às perguntas formuladas pela banca examinadora.

Cada examinador atribuirá uma nota de zero a dois, cuja média será somada à nota do texto escrito.

Ressaltamos que ambas as fases (confecção do texto escrito e apresentação oral) são requisitos obrigatórios para a obtenção do grau de médico na UFS, uma vez que se constitui em importante oportunidade, por vezes única, de contato do estudante de Medicina com atividade de pesquisa.

Parte, há vários anos, do rito de passagem que é a graduação em Medicina, a cerimônia acadêmica de apresentação das Monografias tem sido a cada semestre, uma oportunidade de apreciação da evolução e do amadurecimento experimentado pelos estudantes ao longo de sua formação, além de oportunidade de se vislumbrar um painel das pesquisas desenvolvidas no Departamento de Medicina. Para os graduandos trata-se da última atividade como discente, um momento ímpar de congraçamento e celebração.

Atenciosamente,

Departamento de Medicina